



Entroncamento indígena-arqueológico : interação e resgate cultural Borum-Kren

ARCANJO, Matheus Lucas¹

NEVES, Sérgley de Matos²

SILVA, Danilo Antônio Campos da³

Introdução

Em Minas Gerais, antes da descoberta oficial do ouro, existiam diversos povos indígenas. A presença deles foi registrada principalmente na região originalmente ocupada pela Mata Atlântica, ao leste da Serra do Espinhaço. Tal presença serviu, durante o século XVIII, como uma barreira de proteção das minas contra possíveis invasões vindas do Atlântico. Embora tivessem conflitos, este território permaneceu ocupado majoritariamente por indígenas. Já no século XIX, com a decadência da mineração de ouro e a busca por novas áreas e atividades, o massacre dos indígenas pelos portugueses foi gigantesco, principalmente depois da declaração de guerra aos botocudos, feita pelo então príncipe Dom João VI (Carta Régia de 13 de maio de 1808, a Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello). A criação da Escola de Minas, em Ouro Preto, em 1876, e das empresas siderúrgicas subsequentes tiveram um papel relevante na destruição da Mata Atlântica, lar dos indígenas remanescentes. No que se refere à mineração, moradores de um povoado denominado Morais, na citada cidade, relatam ter encontrado e abandonado uma urna cerâmica onde posteriormente uma mineradora depositou irregularmente uma gigantesca pilha de material estéril.

Na cidade de Ouro Preto, pela adversidade climática e pela topografia acidentada, há o costume falacioso de dizer que só há ocupação humana porque ocorreu a descoberta do ouro. Há registros de grupos indígenas vivendo em diversas partes do território ouropretano e cidades vizinhas, região que compreende o Alto Rio Doce e o Alto Rio das Velhas, com denominações diversas, de acordo com a região em que estavam. Estes povos ainda sobrevivem, principalmente nos distritos ouro-pretanos, e hoje se autodenominam Borum-kren, nome oriundo da autodenominação dos antigos indígenas, passada oralmente aos seus descendentes. Um desses indígenas, o Danilo Borum-kren, buscou a integração

¹ Bacharel em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - Minas Gerais. matheusarcanjoantro@gmail.com. <https://lattes.cnpq.br/6467679525306527>.

² Bacharel em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto - Minas Gerais. @gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/4702383948755232>.

³ Graduando em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto - Minas Gerais. @gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7034237095454357>.

desse grupo disperso e, a partir dessa iniciativa, foi criado o coletivo Borum-kren. Esse grupo busca a interação entre os indígenas, a difusão cultural e o fortalecimento da identidade desse povo, assim como vem ocorrendo com diversos povos indígenas de Minas Gerais, que eram tidos como extintos (NEVES, 2022).

Objetivo

Neste trabalho buscamos refletir sobre as conexões que vêm sendo estabelecidas entre atores da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e indígenas Borum-kren. Ademais, pretendemos relatar experiências geradas a partir deste encontro de ciências e seus possíveis desdobramentos.

Desde 2022 a aproximação dos Borum-kren com o Gesto (Grupo de Estudos do Simbólico e Técnico da Olaria) da Universidade Federal de Minas Gerais, vem gerando uma possibilidade de colaboração mútua entre atores das academias e detentores de saberes outros permitindo uma colaboração mútua. Esta aproximação, por um lado, se deu a partir da vontade expressada por membros do povo de conhecer mais sobre as cerâmicas arqueológicas do contexto territorial historicamente ocupado pelos Borum-Kren. Logo, podemos considerar que além da história oral, as materialidades - deixadas outrora pelos antepassados originários e que ainda são realidade no presente - reforçam a identidade indígena deste povo.

Ter a oportunidade de restabelecer contato com os fazeres herdados por alguns ao longo do tempo, por meio das práticas, é de grande valia para os indígenas ressurgentes que, apesar de muitas vezes não ter as referências culturais no presente, tal como foi no passado, buscam reestabelecer identidades mesmo após os movimentos de catequização (MATTOS, 2002), e outras mazelas da colonização. Violências que se modificaram ao longo do tempo e que aparentemente são planejadas para efetivar o etnocídio (CLASTRES, ano).

Assim, nos aproximamos da arqueologia experimental (BELETTI et al, 2005), (PANACHUK, 2018) como uma possibilidade de resgatar fazeres ancestrais, focando no fazer ceramista. Esse método nos permite pensar as etapas de produção das peças cerâmicas e a organização logística que deve ser feita para a confecção de peças, trocas de conhecimentos e experiências, além de novas percepções sobre o nosso próprio corpo que molda e é moldado pela argila. A arqueologia experimental como método nos possibilita outras formas de aprender que não apenas com a mente, como prioriza a educação aos modos ocidentais.

Resultados

Os efeitos desta aproximação resultaram em encontros que fizeram fortalecer a busca pela afirmação identitária através de práticas ancestrais, como a confecção de peças cerâmicas em oficina realizada em Cachoeira do Campo, distrito do município de Ouro Preto, território ancestral do povo Borum-kren em Minas Gerais. Nesta oficina, realizada em 10 de março de 2023, teve como intuito a experimentação em cerâmica como resgate de um fazer tradicional indígena. Nesta ocasião, houve no primeiro momento por parte da equipe do Gesto, a apresentação do contexto arqueológico que está inserida a cerâmica presente na região. Assim, houveram explicações acerca da cultural UNA que conta com exemplares datados em cerca de 2.000 anos antes do presente. Esta cultura é situada no Brasil Central, possui relação com os grupos Jê meridional. Encontram-se nos territórios correspondentes aos atuais estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro e Espírito Santo (PROUS, 2001).

As peças cerâmicas encontradas neste contexto são denominadas pela arqueologia como Aratu-Sapucaí. A olaria desta tradição arqueológica, segundo relatos arqueológicos mais antigos, consiste em peças homogêneas e simples. A simplicidade é algo problematizado por arqueólogas contemporâneas como Lílian Panachuk. Certamente as pessoas que outrora descreveram tais peças não interagiram com a argila, logo, não experimentaram as etapas e não podem mensurar as técnicas que vão além do pensar apenas com a cabeça. Além de técnicas, a construção de vasilhas, adereços, sepultamentos, etc, contava com a ordenação de toda uma cadeia operatória, sem mencionar a energia despendida a favor do aprimoramento das técnicas.

Para tanto era e é fundamental conhecer o território para saber onde se encontram as matérias primas. A operação conta com o preparo da massa, a escolha da técnica de manufatura, espessura, e modelo de cada artefato. Ademais, ferramentas como pedras polidas, fibras vegetais, cabaças e outros instrumentos são utilizadas para confecção. Após a feitura os artefatos descansam. Por fim, são levadas à queima. A atividade inicial, realizada em Cachoeira do Campo, quando as peças foram produzidas, terá a conclusão em uma queima prevista para o dia 06 de maio de 2023. Além de celebrar a união entre agentes da academia bem intencionados e os indígenas, o evento será uma oportunidade de encontro entre os parentes do povo, esta foi considerada uma data oportuna para reunião de alinhamento de objetivos do coletivo Borum-kren.

O processo educativo mútuo é uma realidade neste encontro entre indígenas, arqueológicas e a argila. Nesta construção em conjunto é possível aprender com o corpo de moto ativo (PANACHUK, 2018). Afinal, aprender com as mãos é um ato revolucionário (TOJA e PANACHUK, 2022) A ampliação de sentidos e afetos na construção do saber é de fato uma forma outra de se fazer ciência já que o Ocidente prezou (e ainda preza) pela intelectualidade “puramente mental”, neutra a dura. O sentir-pensar possibilita outros olhares que complementam o fazer científico através das construções em espaços horizontais. As experimentações com argila nos permite construir novas habilidades, nos permite viajar no tempo especulando cotidianos de tempos passados, nos instigam a necessidade de alternativas descoloniais nos mais diversos espaços. Ao construir corpos com a argila, construímos o nosso corpo-território que tal como a cerâmica pode ser reconstruído após quebras.

Considerações finais

A difusão do conhecimento, por meio das trocas entre o grupo Gesto e o povo Borum-Kren vem se mostrando profícua. Por meio dos encontros e conversas, o grupo acadêmico toma conhecimento da população e de um território pouco explorado no que se refere à arqueologia. Concomitantemente, os ocupantes do território resgatam um conhecimento tradicional, interagem entre si e buscam a proteção, por meio do registro arqueológico dos vestígios presentes e em risco, principalmente devido à atividade da mineração.

Os encontros passam por percalços, como a definição de datas compatíveis a todos e o apoio público para o deslocamento dos participantes, seja por parte das prefeituras, no caso dos indígenas, ou da UFMG, no caso do Grupo Gesto. Estes entraves, no entanto, não são significativos a ponto de impossibilitar uma boa interação. Como se trata de um processo em andamento, conclusões finais ainda serão realizadas.

Referências

AKINRULI, Luana Campos. **Lugares de Memória dos Trabalhadores, LMT #76:** Usina Wigg, Miguel Burnier, Ouro Preto (MG). Disponível em:<https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-76-usina-wigg-miguel-burnier-ouro-preto-mg-luana-campos-akinruli/>. Acesso: 14/06/2021.

ARAÓZ, Horácio Machado. **Mineração, genealogia do desastre:** O extrativismo na América como origem da modernidade. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

BELLETI, J. da S. et al. **Arqueologia experimental: interpretação e produção de artefatos cerâmicos**. In: XIV Congresso de Iniciação Científica. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas. 2013.

BRITO, Fausto R. A. et. al. **A Região: a ocupação do território e a devastação da Mata Atlântica**. In: Biodiversidade, população e economia: uma região de mata atlântica. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1997.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

CAPANEMA, Carolina. **Minas Gerais: vocação mineradora ou autodestruição?** Belo Horizonte, Brasil de Fato MG, 24 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2021/03/24/artigo-minas-gerais-vocacao-mineradora-ou-autodestruicao> Acesso: 14/06/2021.

CARVALHO, Lucas Carneiro de. **Os Aranã e sua indianidade: disputas internas por legitimidade e o reconhecimento oficial como grupo indígena** Dissertação (mestrado), Antropologia Cultural — Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

Centenário da Escola de Minas. Volume 2. Diagramação e arte de Elivania C. Moreira, revisão de Jório Coelho. Ponte Nova: Editora Graffcor, 1976.

DEAN, Warren. **A conservação das florestas no sudeste do Brasil, 1900-1955**. In: Revista de História 133 . FFLCH-USP: 1995. p. 103-115 . Traduzido por Dora Shellard Corrêa. Foi publicado originalmente na revista: Environ-mental Review, vol. IX, n.1, 1985, pp. 54-69.

DIAS, Elizabeth Costa Dias, ASSUNÇÃO, Ada Ávila Assunção, GUERRA, Cláudio Bueno, PRAIS, Hugo Alejandro Cano. **Processo de trabalho e saúde dos trabalhadores na produção artesanal de carvão vegetal em Minas Gerais, Brasil**. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(1):269-277, jan-fev, 2002

Dias, Jussara Duarte Soares. **O patrimônio na corda bamba de sombrinha: o caso da capela e da festa de Santa Quitéria no distrito de Rodrigo Silva (Ouro Preto - MG)**. Viçosa: UFV, 2018.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Diversidade linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias**. 2016.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/316714176_Diversidade_linguistica_no_Brasil_a_situacao_das_linguas_amerindias acess: 20/06/2021.

JOSÉ, Oiliam. **Indígenas de Minas Gerais: aspectos sociais, políticos e etnológicos**. Belo Horizonte: Edições Movimento-Perspectiva, 1965.

LEMOS, Paulo (org.) **A História da Escola de Minas**. Ouro Preto: Editora Graphar, 2012.

MARENT, Breno Ribeiro, LAMOUNIER, Wanderson Lopes e GONTIJO, Bernardo Machado. **Conflitos ambientais na Serra do Gandarela**, Quadrilátero Ferrífero - MG: mineração x preservação.

Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwihgLzjv5jxAhURq5UCHXTMC8sQFjACegQIAxAE&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufmg.br%2Findex.php%2Fgeografias%2Farticle%2Fdownload%2F13311%2F10543%2F&usg=A0vVaw2w2smW-4Idj7Kwg08Rtzxxf> Acesso: 14/06/2021.

MAGNO, Lucas. **Ordenamento territorial da mineração no Brasil e conflitos ambientais**.

Disponível em: <https://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Ordenamento-territorial.pdf>
Acesso: 14/06/2021.

MATTOS, Izabel Missagia de. **Civilização e Revolta: os Botocudos e a catequese na Província de Minas**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MONTEIRO, Claro. **Vocabulário Português-Botocudo**. In: Museu Paulista - Boletim II - Documentação Linguística 2. São Paulo: Museu Paulista, 1948. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Amonteiro-1948-botocudo/Monteiro_1948_VocabPortBotocudoOCR.pdf Acesso: 24/07/2021

NEVES, Sérgley de Matos. **Ouro Preto, além do centro histórico: indígenas, mineração e movimentos sociais. Território em disputa**. TFG (graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2022.

OTTONI, Teófilo Benedito. **Notícia sobre os selvagens do Mucury**: em uma carta dirigida pelo Sr. Theophilo Benedicto Ottoni ao senhor Dr. Joaquim Manuel de Macedo. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858.

PANACHUK, Lílian. **As ceramistas e a arqueóloga: a argila na construção de corpos distintos**. *Habitus*, v. 16, n. 1, p. 28-53, 2018.

PEREIRA, Francisco Lobo Leite. **Descobrimento e devassamento do território de Minas Geraes**. Campanha: 1902. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1702.pdf Acesso: 11/07/2021

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

RAMOS, Alcida Rita. 147 **NAÇÕES DENTRO DA NAÇÃO: UM DESENCONTRO DE IDEOLOGIAS**. Brasília, 1993. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto28b/FO-CX-28B-1751-1995.pdf> Acesso: 21/06/2021.

SEKI, Lucy. **Apontamentos para a bibliografia da língua botocudo/borum**. In: *Revista de Antropologia*. volumes 30/31/32. USP: 1987/88/89.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil [1833]**. Trad. Leonam de Azeredo Penna. São Paulo, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

SENNA, Nelson Coelho de. “**Os Índios do Brasil: Memória Ethnographica** (em 2ª edição revista e melhorada)”. In: Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, vol. XIII, 1908, p.145-217.

SENNA, Nelson de. **Toponímia Geográfica de origem brasilico-indígena em Minas Geraes**. Belo Horizonte, 1923. In: Revista do Arquivo Público Mineiro.

SENNA, Nelson de. **Principaes povos que tiveram seo habitat em territórios das Minas Geraes**. (Resenha ethnographica publicada na “Cultura e Trabalho”, em fevereiro de 1928. In: Revista do Arquivo Público Mineiro.

TEIXEIRA, Georgia e RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos. **Silvicultura e siderurgia a carvão vegetal**: implicações na organização territorial no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. In: Caminhos de Geografia Uberlândia - MG v. 19, n. 66 Junho/2018 p. 297–312

TOJA, Sara; PANACHUK, Lilian. **A experimentação arqueológica como estratégia pedagógica**. Revista de Ciências Humanas Caeté, v. 4, n. 1, p. 204-206, 2022.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**. Coleção debates arquitetura. 2a edição. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Hernani Mota de Lima. **Em entrevista ao programa Chamada Geral**, da rádio Itatiaia Ouro Preto, no dia 30/07/2021.

Carta Régia de 13 de maio de 1808, a Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1808, Página 37, Vol. 1 (Publicação Original) Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg_sn/anterioresa1824/cartaregia-40169-13-maio-1808-572129-publicacaooriginal-95256-pe.html Acesso: 05/08/2021